

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: 27

Data: 05.09.80

Pg.: \_\_\_\_\_

# Contra os índios, a revolta. E o medo.

190

Na região onde houve o massacre dos caiapós, segunda-feira, os fazendeiros querem formar sua própria milícia contra os índios. E em Belém a população vê, com revolta, as imagens do massacre.

A população de Belém sofreu um grande impacto ontem: revoltada, ela viu no jornal "A Província do Pará" as fotos dos corpos dos colonos que foram mortos segunda-feira pelos índios Caiapós. Na região do massacre — sul do Pará — os fazendeiros também estão revoltados e temerosos, e querem liberdade para formar sua própria milícia, com peões, para defendê-los contra um possível novo ataque dos índios. Uma equipe da Polícia Federal esteve no local ontem e encontrou mais pessoas mortas, elevando para 20 o número de vítimas.

Em sua edição de ontem, "A Província do Pará" trouxe três páginas inteiras sobre o massacre dos índios, com muitas fotos das crianças, mulheres e homens mortos pelos Caiapós. Os 12 mil exemplares (a tiragem normal é de sete mil) esgotaram-se rapidamente, e a maioria da população mostrava-se chocada e revoltada principalmente com as fotos de duas mulheres grávidas que foram mortas, e que, segundo afirma o jornal, foram estropadas pelos índios (esse fato não foi confirmado, pois nenhum dos corpos foi autopsiado, e dificilmente isso ainda ocorrerá devido ao estado de putrefação em que já estão).

Uma equipe da Polícia Federal, acompanhada pelo major do Exército Marco Antonio Luchini, esteve ontem na fazenda Espadilha, local do massacre, para investigar melhor a região, e encontrou a uma distância de um quilômetro dali os corpos de alguns empregados da fazenda vizinha Primavera, tendo ao seu lado penas de arara vermelha e as bordunas utilizadas pelos índios.

Os responsáveis pela investigação conseguiram conversar com a única moradora da fazenda atacada que conseguiu escapar do massacre: Geni Ferreira Matos. Ela morava em uma casa situada a dois quilômetros da sede da fazenda, e teve seu marido, José Divino Alves, e duas filhas pequenas mortos pelos índios. Na segunda-feira ele havia ido até a sede exatamente para acertar suas contas com o capataz Jones (também morto pelos Caiapós), pois temia um ataque dos índios que, nos últimos tempos, segundo ele, não pareciam muito amigáveis.

Os Caiapós falaram para o major Luchini que foram à fazenda apenas para advertir seus ocupantes que estavam invadindo a reserva dos Gorotire, mas algumas pessoas que estiveram com eles antes do ataque afirmam que os índios já estavam dispostos a matar. Uma delas foi a mãe de Geni, Idelfina Ferreira, moradora em uma área situada a cerca de dez quilômetros da sede da fazenda Espadilha.

Ele diz que os Caiapós sempre frequentaram sua casa, mas na segunda-feira chegaram ali pintados de preto e vermelho, usando cocares de penas de arara e demonstrando uma atitude agressiva: "Eles chegaram a levantar a borduna para o meu filho mais velho e depois quebraram nossos móveis e até minha máquina de costura. Eles levaram tudo, inclusive parte da criação pequena, como galinhas e patos".

Idelfina afirma que dali eles foram para a Espadilha, e depois,



Junto aos corpos, penas e bordunas dos caiapós.

Entre os mortos, mulheres e crianças.



Os colonos estão alertas: eles temem novos ataques dos índios.



O major Luchini esteve no local ontem.

Dona Idelfina e a filha Geni, única sobrevivente.

Mãe 20 vítimas confirmadas

ha volta, passaram novamente por sua casa, quando o índio José Uté disse a ela e a seu marido Francisco Ferreira que os dois não seriam mortos porque sempre demonstraram ser amigos dos índios, mas que na fazenda todos estavam mortos. José Uté chegou a lhes aconselhar a deixar imediatamente a área, "porque muita gente ainda ia morrer ali". Idelfina e sua filha Geni levaram a notícia do massacre até a sede da fazenda vizinha, a Macedônia, depois de Geni ter visto os corpos dos colonos na fazenda Espadilha, onde foi procurar o marido e as filhas, que dormavam para chegar em sua casa.

### TEMENDO UM NOVO MASSACRE

O major Luchini declarou que acha que muitas fazendas situadas próximas às áreas indígenas constroem suas sedes fora dos limites das reservas mas, aos poucos, vão abrindo pastos nas terras dos índios. Ele está preocupado também com a situação das índios Klkrim, que pertencem ao mesmo grupo dos Caiapós e moram numa região perto de onde houve o ataque. Chegou mesmo a afirmar que teme um massacre na área a qualquer momento.

Os fazendeiros da região também estão revoltados, e pretendem formar uma milícia de peões para garantir a terra contra os ataques dos índios. O dono da fazenda Macedônia, Juarez Tavares Macedo, chegou a pedir ao major Luchini "carta branca" para organizar esta milícia, mas o oficial respondeu: "Nós vamos segurar os índios no posto Gorotire, e vocês também vão segurar os seus homens aqui. A Polícia Federal permanecerá na área até que seja regularizado o problema fundiário na região".

Ontem Juarez Macedo mostrou a certidão negativa liberada pela Funai, em 1974, para a fazenda Espadilha, atestando a inexistência de índios na área. A certidão, assinada pelo então presidente da Funai, general Ismarth Araújo de Oliveira, aprova ainda a instalação de outras fazendas no local.

Durante o trabalho de investigação Juarez Macedo chegou a ser defidido pelos agentes da Polícia Federal por ter protestado veementemente contra uma declaração do antropólogo Alceu Cotia, da Funai, que dizia que os limites da reserva dos Gorotire chegavam até o desmatamento feito pela fazenda Macedônia.

Em Belém, antropólogos estavam preocupados com a repercussão da reportagem feita por A Província do Pará, pois achavam que ela contribuía "para aumentar a incompreensão da população em relação ao problema indígena". Ontem mesmo eles realizaram uma reunião para discutir algumas características do massacre dos Caiapós que ainda consideram estranhos. Eles dizem que o grupo Gorotire sempre foi o mais pacífico de todos e jamais assassinou crianças ou violentou sexualmente mulheres. Técnicos da Funai também estavam revoltados contra o noticiário da imprensa, e um deles chegou mesmo a levantar a hipótese de que pessoas da redondeza tenham entrado na fazenda antes dos reporteres e "ajeitado" o ambiente para fazer parecer que os índios violentaram as mulheres.